



**Diálogos em Moçambique: contribuições da Geografia Cultural, Humanista e Fenomenológica para o desvelar das religiosidades**  
**Dialogues in Mozambique: contributions of Cultural, Humanist and Phenomenological Geography to the unveiling of religiosities**

Nelson Cortes Pacheco Junior<sup>a</sup>

<sup>a</sup> Universidade Estadual de Campinas, Brasil. [n229211@dac.unicamp.br](mailto:n229211@dac.unicamp.br) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2056-372X>

**RESUMO**

Este artigo é oriundo dos debates realizados durante o programa “Conversas na Casa do Professor”, ocorridos em Maputo, Moçambique no mês de novembro de 2023. Nossa temática abordou algumas reflexões que ainda são incipientes no âmbito dos estudos geográficos moçambicanos referentes abordagens: humanista, cultural e fenomenológica na Geografia e os atravessamentos decorrentes destas nos estudos relacionados às religiosidades e a constituição dos lugares. Sendo assim, este artigo está dividido em três momentos que correspondem a palestra concedida: no primeiro, apresentamos o contexto inicial da abordagem cultural, humanista e fenomenológica na Geografia. Após, o debate transcorreu em torno da chegada dessas abordagens na Geografia vivenciada no Brasil. No terceiro momento, a reflexão ocorreu no como as abordagens apresentadas anteriormente reverberam nos modos de ser fazer pesquisa quando da temática atrelada a vivência das religiosidades nas suas múltiplas formas como se desvelam no cotidiano, independente do segmento religioso das pessoas que em sua prática cotidiana sacralizam seus lugares de culto para que o Divino venha a se manifestar como tal. De modo a se pensar uma geografia vivida em acto, ou seja, no dia a dia entre as pessoas compartilhando as suas experiências de vida e que ao final da palestra propomos a pensar na possibilidade da existência de uma Geografia das Religiosidades. Esta por sua vez não privilegiando a visão de mundo das instituições religiosas, mas sim dos adeptos que são os verdadeiros responsáveis pelo desvelar do fenômeno religioso e consequentemente da constituição dos lugares.

**Palavras-chave:** Pensamento Geográfico; Fenomenologia; Religiosidades

**ABSTRACT**

This article comes from the debates held during the “Conversas na Casa do Professor” program, which took place in Maputo, Mozambique in November 2023. Our theme addressed some reflections that are still incipient in the scope of Mozambican geographical studies regarding the humanist, cultural and phenomenological approaches in Geography and the intersections resulting from these in studies related to religiosity and the constitution of places. Therefore, this article is divided into three moments that correspond to the lecture given: in the first, we present the initial context of the cultural, humanist, and phenomenological approach in Geography. Afterwards, the debate revolved around the arrival of these approaches in Geography experienced in Brazil. In the third and final moment, the reflection took place on how the approaches presented previously reverberate in the ways of doing research when the theme is linked to the experience of religions in their multiple forms as they are revealed in everyday life, regardless of the religious segment of the people who in their daily practice consecrate their places of worship so that the Divine may manifest itself as such. In order to think of a geography lived in action, that is, in the daily life among people sharing their life experiences, at the end of the lecture we propose to think about the possibility of the existence of a Geography of Religions. This in turn does not privilege the worldview of religious institutions, but rather of the followers who are truly responsible for the unveiling of the religious phenomenon and consequently of the constitution of places.

**Keywords:** Geographical Thinking; Phenomenology; Religiosities.

Como citar o artigo: Junior, Nelson Cortes Pacheco (2025). Diálogos em Moçambique: contribuições da Geografia Cultural, Humanista e Fenomenológica para o desvelar das religiosidades. *MOZGEO – Moçambique Geodiverso*. 02 (2025), 2. 01. 07-16. Endereço de ligação

To cite this article. Junior, Nelson Cortes Pacheco (2025). Dialogues in Mozambique: contributions of Cultural, Humanist and Phenomenological Geography to the unveiling of religiosities. *MOZGEO – Moçambique Geodiverso*. 02 (2025), 2. 01. 07-16. Link address

História do artigo/Article history: recebido/received 05-07-2025 e/and aceite/accepted 20-11- 2025

Disponível online a 12 de Dezembro de 2025/ Available online December 12, 2025

## 1. Introdução

Este artigo é fruto da troca de experiências realizadas no âmbito do programa Conversas na Casa do Professor, que ocorrem na Casa do Professor, localizada na cidade de Maputo, capital de Moçambique. Esta actividade ocorre mensalmente, onde pesquisadores, professores e o público em geral, se reúnem para debater questões relacionadas as diferentes abordagens académicas e como elas influenciam o cotidiano das pessoas.

Assim, durante o período em que eu estive realizando a pesquisa da minha tese de doutorado, e concomitantemente, o estágio doutoral na Universidade Pedagógica de Maputo (UPM), fui convidado para trazer ao debate, uma temática que é abordada de maneira muito incipiente no âmbito da Geografia moçambicana, relacionada a abordagem cultural, humanista e fenomenológica nas pesquisas desenvolvidas no país. Entre os variados temas que estas abordagens podem contribuir para a nossa reflexão está o relacionado aos atravessamentos existentes entre a religião e a Geografia, o qual, no contexto moçambicano, a reflexão em relação a tais temáticas fica a cargo de outros campos do saber, como a História e a Antropologia.

Nesse sentido, abordo a possibilidade de nós, como geógrafos, contribuirmos com esse debate no âmbito da Geografia vivenciada no continente africano, com a sua riqueza de experiências compartilhadas no cotidiano. Essa situação reforça a diversidade de situações existentes em África, diferentemente de alguns a priori estabelecidos que consideram a cultura e os modos de viver no continente africano como quase uniformes em todas as comunidades africanas. Utilizo o termo comunidades em lugar de etnia, a qual carrega em seu sentido o peso da colonialidade, referindo-se ao outro de maneira pejorativa, desprezando saberes e modos de ser. Busco, com isso, fazer uma Geografia a partir do vivenciar cotidiano das pessoas e, assim, consequentemente, reflectir como essas vivências contribuem para a constituição de identidades, lugares e modos de ser

Entre os diversos fenômenos que podem ajudar o nosso reflectir em relação ao compartilhamento das experiências entre as pessoas é o relacionado ao modo de ser religioso. Na Geografia tais estudos podem estar ligados tanto ao pensamento da abordagem cultural, como o humanista ou ao fenomenológico. Ressaltando que estas maneiras de pensar não são excludentes entre si, pelo contrário, existem uma série de atravessamentos entre as mesmas que podem enriquecer nosso entendimento.

A estrutura do texto vai seguir à apresentação ocorrida na Casa do Professor, dividida em três momentos: o no primeiro, apresentamos o contexto inicial da abordagem cultural, humanista e fenomenológica na Geografia. Após, o debate que transcorreu em torno da chegada dessas abordagens na Geografia vivenciada no Brasil. No terceiro momento, a reflexão ocorreu no como as abordagens apresentadas anteriormente reverberam nos modos de ser fazer pesquisa quando da temática atrelada a vivência das religiosidades nas suas múltiplas formas como se desvelam no cotidiano, independente do segmento religioso das pessoas que em sua prática cotidiana sacralizam seus lugares de culto para que o Divino venha a se manifestar como tal. De modo a se pensar uma geografia vivida em acto, ou seja, no dia-a-dia entre as pessoas compartilhando as suas experiências de vida é que ao final da palestra propomos a pensar na possibilidade da existência de uma Geografia das Religiosidades.

## 2. Possibilidades de reflexão em relação à Geografia: a abordagem cultural, humanista e fenomenológica

Com o passar dos anos, considero que ocorreu um compartilhamento dos modos pensar entre as abordagens: cultural, humanista e a fenomenológica no âmbito dos estudos geográficos. Os estudos relacionados a esses campos, inicialmente foram influenciados pelas obras de dois geógrafos, o alemão Friedrich Ratzel (1844-1904) e o francês Paul Vidal de La Blache (1845-1918). Sendo assim, a Geografia Cultural, tem sua eclosão a partir de 1925, nos Estados Unidos, mediante os trabalhos de

Carl Sauer (1998) que em “Morfologia da Paisagem”, realiza o esforço de trazer uma visão diferente para os estudos geográficos. Nessa obra se encontram as primeiras referências, no âmbito dos trabalhos em Geografia, relacionadas com a fenomenologia.

Sauer (1998), propõe que os acontecimentos podem ser abordados, a partir das relações existentes entre as pessoas, principalmente, no âmbito da experiência humana e do espaço vivido. Esse debate, emerge no contexto em que o pensamento determinista era predominante no âmbito geográfico e trazia à pauta que o meio ambiente e outras condições impostas determinavam o modo de ser das pessoas. Tal discurso, reforçou, por exemplo, a justificativa de algumas abordagens coloniais de sujeição do outro, sendo estes os povos originários, ao colonizador. Essa abordagem referente as temáticas relacionadas a experiência cotidiana, cooperaram para a abertura de caminhos possíveis para além dos propostos pela perspectiva positivista. Apesar do interesse despertado pela perspectiva saueriana, a Geografia baseada na abordagem cultural e humanista, era muito pontualmente desenvolvida no âmbito dos estudos realizados pelos geógrafos quando da época do lançamento de “Morfologia da Paisagem”.

Na década de 1950, nasce a primeira obra de cunho fenomenológico na Geografia, escrita pelo professor Eric Dardel (2015), intitulada “O Homem e a Terra”. No livro, há o debate em relação a inserção do homem-no-mundo, onde essa ligação das palavras através dos hifens, nos remete a indissociabilidade existente de pensar o homem separado do mundo e vice-versa (Holzer, 2015). Essa obra, destoa, da ideia predominante, do período de sua escrita, calcada no espaço geometrizado, proveniente do positivismo, onde a nossa vivência é interpretada por dados estatísticos, dos quais os resultados apresentados dariam conta de explicar a realidade.

Dardel (2015), apresenta a geograficidade, que se refere a geografia vivida em acto, ou seja, a vivência cotidiana, as relações entre as pessoas é que seriam as responsáveis pela constituição dos lugares ou do espaço geográfico, dependendo da abordagem. Com a elaboração de “O Homem e a Terra”, Dardel (2015), torna-se o precursor desse modo de abordar a Geografia, principalmente quando da utilização de três reflexões: do conceito de lugar, não apenas como sítio ou abordado em sentido estritamente locacional, mas, a partir mediante a vivência e as interações entre as pessoas. Outras duas reflexões são a: da paisagem e de uma ontologia geográfica, possibilitando assim a abertura para uma maior inserção da Filosofia nos estudos geográficos. Cabe ressaltar que tais reflexões dardelianas, sofreram forte influência da abordagem em relação ao ser-no-mundo, concebida por Martin Heidegger, no qual é impossível pensar a nossa existência dissociada do mundo (Aguiar; Pacheco Junior, 2022; Heidegger, 2014, 2018; Holzer, 2015).

Holzer (1996), apresenta que esse modo de tratar os temas geográficos proposto por Dardel, se retraiam e apenas voltou a ganhar força em meados da década de 1960 nos Estados Unidos e Canadá, sendo esta denominada como Geografia Humanista. As reflexões propostas pelos geógrafos humanistas, se aproximavam com as humanidades, tornando-se assim, uma alternativa ao neopositivismo e as tendências quantificadoras, estabelecendo contacto com a História, com a Literatura e os estudos culturais das décadas de 1960-1970. Porém temos que considerar, que em variados momentos, caiu-se na “armadilha”, na qual algumas interpretações oriundas dos estudos culturais, nas quais alguns antropólogos, realizavam suas pesquisas em alguns países, como o Brasil e Moçambique, considerando as suas populações e os aspectos cotidianos, como se fossem experimentos de laboratório e a diversidade cultural existente, como uma representação “primitiva” da vivência desses grupos de pessoas.

No âmbito dessa emergente Geografia humanista, ganham força algumas abordagens oriundas da Psicologia e da Filosofia que associadas a História, a Literatura e aos estudos culturais, possibilitaram

a abertura de novas perspectivas reflexivas em relação a nossa vivência cotidiana como: o mundo vivido, proveniente do filósofo Edmund Husserl, o habitar, proposto por Martin Heidegger e a ideia de experiência geográfica, desenvolvida no âmbito das pesquisas dos geógrafos como David Lowenthal em 1961, Anne Buttimer em 1979, Edward Relph em 1973, Yi-Fu Tuan (1976) e David Seamon (1979) (Holzer, 1996, 2016).

Entre os geógrafos citados, destacam-se, Edward Relph, que em 1973, que redescobre a obra de Dardel, que pouco era debatida no contexto da Geografia, mediante a apresentação da sua tese “*The Phenomenon of Place*” da qual se origina o livro “*Place and Placelessness*”(1976), que pontua a questão da lugaridade e do lugar sem lugaridade. O conteúdo deste livro não se restringe apenas ao debate citado, trazendo para a abertura as reflexões relacionadas a valorização da subjetividade e da intencionalidade na vivência do cotidiano (Holzer, 2003).

Yi-Fu Tuan (1976), através do seu artigo “*Humanistic Geography*”, contribuiu para que a Geografia humanista viesse a se tornar um subcampo da Geografia. Nessa busca pelo desenvolvimento do humanismo na abordagem geográfica, se destacam dois livros de sua autoria: “*Topofilia*” (2012), no qual o autor se propõe a refletir em relação as nossas atitudes com o meio ambiente, a percepção, as atitudes e a visão de mundo que nós temos. Em “*Espaço e Lugar*”(2013), Tuan, apresenta que os conceitos que citados no título de sua obra seriam os mais adequados que o de paisagem para a abordagem humanista.

David Seamon (1979), em “*The Geography of the Lifeworld. Movement, Rest and Encounter*”, expõem as ligações entre a fenomenologia e a constituição dos lugares, elegendo três temas principais: o movimento, o descanso e o encontro. Assim ao refletir em relação aos lugares ele:

apresenta que nele se reúnem experiências humanas, ações e significados espaciais e temporais, que são forjadas mediante a nossa vivência cotidiana e das interações com os outros. As relações entre as pessoas, a partir do compartilhamento das experiências vivenciadas, contribuem para expor o dinamismo que constitui os lugares, tornando-os mutáveis. Esta situação reforça a importância do nosso modo de ser na constituição de um dado lugar, pois a vivência, em si, não se desdobra de maneira estática, mas em constante movimento no dia a dia (Moreira; Pacheco Junior; Marandola Jr., 2023, p. 35).

No contexto das décadas de 1970-1980, mesmo que de maneira tímida, inicia-se no Brasil a busca por essa perspectiva de se pensar a Geografia pelo viés humanista, cultural, culminando com o fenomenológico. Uma das pioneiras a realizar tais estudos foi a professora Livia de Oliveira (2017), onde mediante a percepção, relacionou o humanismo à Geografia, sendo essa relação influenciada tanto pela abordagem de Jean Piaget e de Yi-Fu Tuan.

A partir da década de 1990, outros geógrafos, passaram a demonstrar interesse pelas temáticas norteadas pelo pensamento humanista e cultural, destacadamente, Werther Holzer, Roberto Lobato Corrêa, Oswaldo Bueno Amorim Filho, Armando Correia da Silva, Solange Terezinha Lima, Lúcia Helena Gratão, Sylvio Fausto Gil Filho, Christian Dennys de Oliveira e Zeny Rosendahl. Nos anos 2000, os estudos relacionados a fenomenologia também ganham força com as pesquisas desenvolvidas por Eduardo Marandola Jr, Antonio Bernardes, Jamile Silva Lima-Payayá, Benhur Pinós da Costa, Angelo Serpa Pinto, Sylvio Fausto Gil Filho, Christian Dennys de Oliveira entre outros nomes.

Esse modo de pensar a Geografia, adquiriu tamanha dimensão, contribuindo para o surgimento de diversos grupos de pesquisa no Brasil, com destaque para: o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC - UERJ), idealizado por Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Correia no ano de 1993, o Núcleo de Estudos em Espaço e Representação (NEER – UFPR), criado por Sylvio Fausto

Gil filho e Salete Kozel em 2004. Em 2008, surge o Grupo de Geografia Humanista (GHUM-UFF), fundado por Livia de Oliveira e Werther Holzer.

Assim, com o decorrer dos anos, diversas temáticas passaram a ser abordadas no âmbito da Geografia de cunho cultural, humanista e fenomenológica, influenciada pela emergência das questões relacionadas a globalização, aos novos localismos, as identidades, o feminismo, aos povos originários e ao movimento LGBTQIA+.

### 3. Relações entre a religião e a Geografia

Como citado anteriormente, as abordagens cultural, humanista e fenomenológica contribuíram para a abertura do diálogo com diferentes temáticas que contribuem para reflectirmos em relação ao cotidiano, dentre elas estão as relacionadas a religião. Inicialmente, os estudos que relacionavam a vivência religiosa e a Geografia, versavam principalmente, as transformações que ocorriam na paisagem, mediante a maneira como tal religião era vivenciada pelos seus adeptos. Não menos importante, também era a ênfase dada a forma como tal sistema religioso se estruturava e seus reflexos no espaço geográfico. Desse momento de eclosão, cito os importantes trabalhos idealizados por Pierre Deffontaines (1948), David Sopher (1967), Yi-Fu Tuan (1978) e Manfred Büttner (1985).

No Brasil, a confluência entre a Geografia e a religião, tem como destaque inicial os estudos de Maria Cecilia França (1975), que aborda no âmbito geográfico a função religiosa dos pequenos centros localizados no Estado de São Paulo, considerando estes como referências para a peregrinação das pessoas em busca de realizarem o seu culto. Em 1992, Monica Sampaio Machado, expande a abordagem dos estudos relacionados a Geografia da Religião, reflectindo em relação ao protestantismo pentecostal na cidade de Niterói, localizada no Estado do Rio de Janeiro.

Em 1994, Zeny Rosendahl, apresenta a tese intitulada “Porto das Caixas: espaço sagrado da Baixada Fluminense”, que impulsiona de maneira assertiva para a disseminação no Brasil dos estudos em Geografia com enfoque na influência da religião no cotidiano. Destaca-se, do período que compreende as décadas de 1990-2000, as teses de Christian Dennys Monteiro de Oliveira (1999), relacionada ao contexto metropolitano do Santuário de Aparecida em São Paulo e de Sylvio Fausto Gil Filho (2002), reflectindo em relação a territorialidade do sagrado e a Igreja Católica Romana.

Entre os diversos estudos que emergem das pesquisas citadas, podemos citar duas abordagens presentes em boa parte dos trabalhos desenvolvidos a partir de então: a questão relacionada ao espaço sagrado e profano, inspirada nos estudos de Eliade (2011), no desvelar do numinoso em Otto (2007) e nas formas simbólicas de Ernest Cassirer (2004), e as formas como os adeptos de uma dada religião contribuem para a constituição e diferenciação dos lugares.

Em relação as estratégias adoptadas por um dado segmento religioso em relação a sua ocupação territorial, Rosendahl (2004, 2018), aborda o conceito de territorialidade religiosa que se constitui no conjunto de práticas desenvolvidas por instituições e grupos no sentido de controlar pessoas e objectos, ou seja, a manutenção do poder religioso nas mãos de um dado grupo religioso, como aborda Bourdieu (2007). Tais estratégias contribuíram para o controle de um dado grupo de pessoas e territórios, por exemplo, como o implementado pela Igreja Católica, nas colônias de domínio português ou a expansão de denominações neopentecostais no continente africano (Fry, 2000).

O conceito de lugar, é debatido mediante o modo como um dado segmento religioso imprime sua marca na paisagem por meio da cultura, como por exemplo a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e as Testemunhas de Jeová. Segundo Rosendahl (2010) e Gil Filho (2012) são nos lugares, onde ocorre a relação simbólica de identidade de pertencimento do adepto com a sua

instituição religiosa. Em algumas situações, o lugar, será o ponto fixo para uma dada comunidade religiosa, como as cidades santuários, paróquias, mesquitas entre outras (Oliveira, 1999; Rosendahl, 1994; Souza, 2017) e sendo o fornecedor de regras para um dado grupo religioso, mediante a sacralidade que ele possui para esses adeptos.

#### 4. Reflectindo em relação à Geografia das religiosidades

No âmbito das reflexões relacionadas ao compartilhamento de experiências entre os missionários protestantes com os habitantes das *tabancas* guineenses, que se constituem em comunidades localizadas nas áreas rurais de Guiné-Bissau, onde as sociedades locais normalmente aos modos de ser religiosos oriundos dos seus ancestrais, passamos a pensar em uma Geografia das religiosidades (Augel, 2007; Pacheco Junior, 2020 2024a; Semedo, 2011; Vaz 1994).

Tal abordagem, tem como base a fenomenologia, na qual reflecti em relação aos diversos modos de ser religiosos, abrangendo diferentes religiosidades que podem se atravessar, publicamente ou não, como por exemplo, as pessoas adeptas a outras religiosidades, mas que em busca de experienciar o sagrado frequenta os cultos *zione* em Moçambique. Tais vivências situadas, contribuem para a constituição das identidades e do modo de ser *mazione*, bem como de sua lugaridade.

Nesse contexto, o lugar é abordado a partir das lugaridades existentes que contribuem para a constituição dele, mediante ao nosso modo de ser-no-mundo. Esse modo de ser, a partir de uma leitura proposta por Martin Heidegger (2014, 2018), tem como o carácter, o modo no qual cada um de nós possuímos, de sermos ser-com o outro. Assim, a experiência religiosa pode ser vivenciada no mundo a partir de três situações: do nosso mundo próprio, do mundo circundante, com os outros e as coisas que estão ao nosso redor e do mundo compartilhado, que se dá mediante ao compartilhar das experiências com o outro, seja ele adepto do mesmo modo de ser religioso nosso ou não (Heidegger, 2014, 2018; Marandola Jr, 2012, 2021; Pacheco Júnior, 2024b).

O compartilhamento das experiências vivenciadas no cotidiano, contribuem para que venha a emergir as lugaridades. As religiosidades são modos pelo quais os lugares podem se desvelar, como exemplo, podemos citar a praia da Costa do Sol, localizada na cidade de Maputo em Moçambique que tem a sua identidade ligada a presença dos *maziones*, adeptos da Igreja *Zione*. Seria possível pensar que se apenas a determinação de alguma pessoa ou grupo estabelecesse que eles deveriam frequentar apenas aquela localidade, esta passaria a ter ligação com eles?

Ao vivenciarmos os cultos realizados pelos *maziones* durante os meses de setembro a dezembro de 2023, através dos diálogos, podemos dizer que não. Essa localidade da Costa do Sol, se torna um lugar para eles, a partir do momento que estes estabelecessem uma relação com as coisas que constituem esse lugar e dessa relação desvelasse o sagrado, a ponto das águas que banham a praia serem consideradas como um elemento de purificação mediante as orações. Essa situacionalidade, reforça a importância do compartilhamento da vivência da manifestação do sagrado com o outro, que como cita Silva (2010, p.106), “[...] pode, de facto, não assumir a configuração da personalidade fechada e idêntica a si mesma, podendo manifestar-se como vida fluída e difusa que assume diversas formas e aspectos”, que no caso do culto *mazione*, pode se desvelar na ritualidade no mar ou na areia da praia.

Quando abordamos a questão do sagrado, visamos reflectir em relação ao mesmo mediante a possibilidade de possíveis atravessamentos entre os diferentes modos de religiosidades existentes. Assim uma dada manifestação do sagrado pode ser representativa para diferentes grupos, como acontece no modo de ser *mazione* ou mesmo nos lugares como os cemitérios.

Para reflectirmos em relação as religiosidades em Moçambique é necessário estar-junto-ao-outro no cotidiano compartilhando experiências deixando o fenômeno se desvelar. Marandola Jr (2024, p.75), aborda a importância do conversar com o outro em nossa vivência no campo:

Uma conversa ordinária, permite desvelar a existência porque ela não tematiza, mas permite a irrupção no fluxo da experiência. Quando racionalizamos o diálogo, pautamos e ordenamos. Em vez da intuição e de fluxo, temos ordem, busca de argumentações, seguindo procedimentos para concluirmos e convencer. Essa é a finalidade das questões fechadas ou semiabertas: direcionam a conversação para tópicos previamente estabelecidos, rompendo o fluir da experiência em prol da objetividade.

Nesse cerne, observamos a importância do diálogo com o outro e a vivência cotidiana, buscando evitar levarmos para o campo, possíveis *a priori*, que podem contribuir para um não entendimento em relação a um dado fenômeno, pois os pré-conceitos, de certa maneira podem determinar o nosso reflectir em relação a determinadas situações vivenciadas, possibilitando o nosso não entendimento em relação ao fenômeno. Por isso, não devemos pensar no outro que compartilha a sua experiência conosco, como um objecto da pesquisa ou um sujeito distante de nossa “posição” como pesquisador. É necessário que tenhamos estes outro, como uma pessoa que contribui para o nosso reflectir, pois em diversas situações, são estas pessoas que nos colocam na abertura do entendimento em relação a um dado fenômeno que podemos ou estamos a vivenciar.

## 5. Considerações finais

Neste artigo abordei algumas temáticas que comumente não são dialogadas no âmbito do contexto da Geografia em Moçambique, onde a temática cultural, humanista e fenomenológica é incipiente no debate acadêmico. Entre as temáticas que essas três abordagens podem contribuir para a reflexão, se encontra a relacionada aos modos como as religiosidades influenciam o cotidiano. Sendo assim apresentei, alguns atravessamentos decorrentes da experiência religiosa e a constituição dos lugares e como o seu entendimento pode contribuir para um melhor pensar em relação ao modo de vida da população moçambicana, abrindo caminhos para novas reflexões e abordagens no âmbito da Geografia vivenciada e reflectida no país.

Dessas relações, mediante os campos realizados em Maputo e na Matola, proponho pensar a temática religiosa no âmbito da Geografia, a partir do modo como estas são vivenciadas, sendo desveladas nos lugares. Acreditamos que a fenomenologia, pode auxiliar, em nossas reflexões, destacando a importância dos ensinamentos das pessoas que vivenciam os trabalhos de campo conosco e da abordagem dos autores locais, em nosso caso relacionados a ontologia no pensamento africano.

Essas leituras, trazem consigo a possibilidade de abertura de aspectos do cotidiano que são importantes em relação a vivência cotidiana moçambicana, como nos apresenta Severino Ngoenha (2018) e José Castiano (2010). Tais reflexões, nos trazem uma riqueza, normalmente negligenciada em nossas escritas, em relação ao modo de ser moçambicano. Assim, penso que devemos refletir, não com um olhar de uma Geografia fenomenológica brasileira ou moçambicana, mas com uma visão em conjunto, sem rotulações que podem nos remeter aos males gerados pela colonialidade que nos separam e nos qualificam como melhores ou piores.

## Agradecimentos / Acknowledgements

Meus agradecimentos são direcionados para o Programa de Pós Graduação em Geografia e ao Fundo de Desenvolvimento ambos pertencentes à Universidade Estadual de Campinas - Brasil por

terem contribuído financeira para a realização dessa pesquisa. Igualmente agradeço a todos os docentes e discentes do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Pedagógica pelo carinho e atenção no período que estive em Moçambique, a Aissa Mithá Issak pelo convite para palestrar na Casa do Professor em Maputo, aos orientadores dessa pesquisa Dr. Eduardo Marandola Jr. (Unicamp – Brasil) e Dr. José Júlio Junior Guambe (UP – Moçambique) e a todo o corpo editorial da Revista Moçambique Geodiverso. / My thanks go to the Postgraduate Program in Geography and the Development Fund, both of which belong to the State University of Campinas - Brazil, for having contributed financially to the realization of this research. I would also like to thank all the professors and students of the Postgraduate Program in Geography of the Pedagogical University for their affection and attention during the period I was in Mozambique, to Aissa Mithá Issak for the invitation to speak at the Casa do Professor in Maputo, to the supervisors of this research Dr. Eduardo Marandola Jr. (Unicamp - Brazil) and Dr. José Júlio Junior Guambe (UP - Mozambique) and to the entire editorial board of the Revista Moçambique Geodiverso.

### Nota sobre os colaboradores / Note on contributors

Mestre. Nelson Cortes Pacheco Junior, doutorando em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil, com Estágio Doutoral na Universidade Pedagógica, Moçambique. Pesquisador do Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência (LAGERR, Unicamp, Brasil) e do Grupo de Estudos e Pesquisa Espaços e Sociedades na África Subsaariana (GeoÁfrica, UFRJ, Brasil). Email: [n229211@dac.unicamp.br](mailto:n229211@dac.unicamp.br) Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2056-372X>

### Conflito de Interesse / Conflict of Interest

Sem conflito de interesses/ No Conflict of Interest

## 6. Referências

- Aguiar, F. C.; Pacheco Junior, N. C. (2022). Da nascente à foz: contribuições da fenomenologia heideggeriana à Geografia Fenomenológica. *Phenomenology, Humanities and Sciences*, 3 (2), 96-104.
- Augel, M. P. (2007). *O Desafio do Escombro. Nação, Identidades e Pós-Colonialismo na Literatura de Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro: Editora Garamond.
- Bourdieu, P. (2007). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Büttner, M. (1974). Religion and Geography: impulses for a New Dialogue between Religionswissenschaftlern and Geographers. *Numen*, v. 21, n.3, p. 163-196.
- Cassirer, E. (2004). *A Filosofia das Formas Simbólicas II – O Pensamento Mítico*. São Paulo: Martins Fontes.
- Castiano, J. (2010). *Referenciais da Filosofia Africana*. Em busca da Intersubjetivação. Maputo: Texto Editores.
- Dardel, E. (2015). *O Homem e a Terra*. Natureza da realidade geográfica (W. Holzer, Trad.). São Paulo: Editora Perspectiva S.A.
- Eliade, M. (2011). *O Sagrado e o Profano*. A essência das religiões (R. Fernandes, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- França, M. C. (1975). *Pequenos centros paulistas de função religiosa*. São Paulo: IGeo – USP.
- Fry, P. (2000). O Espírito Santo contra o feitiço e os espíritos revoltados: “civilização” e “tradição” em Moçambique. *Mana*, 6 (2), 65-95.

- Gil Filho, S. F. (2002). *Igreja Católica Romana: fronteiras do discurso e territorialidade do sagrado*. Tese (Doutorado em História). Curitiba: Universidade Federal do Paraná.
- Gil Filho, S. F. (2012). *Espaço Sagrado: estudos em geografia da religião*. Curitiba: Editora Intersaberes.
- Heidegger, M. (2014). *Fenomenologia da vida religiosa* (R. Kirchner, Trad.). Petrópolis: Editora Vozes / Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco.
- Heidegger, M. (2018). *Ser e Tempo*. (F. Castilho, Trad.). Campinas: Ed. UNICAMP.
- Holzer, W. (1996). A Geografia Humanista: uma revisão. *Espaço e Cultura*, 3, 8-19.
- Holzer, W. (2003). O conceito de lugar na Geografia Cultural-Humanista: uma contribuição para a Geografia contemporânea. *GEOgraphia*, V (10), 113-123.
- Holzer, W. (2015). A Geografia Fenomenológica de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. *O Homem e a Terra*. Natureza da realidade geográfica (W. Holzer, Trad.). São Paulo: Editora Perspectiva S.A.
- Holzer, W. (2016). *A Geografia Humanista: sua trajetória 1950-1990*. Londrina: Eduel.
- Machado, M. S. (1992). *A territorialidade pentecostal, um estudo de caso em Niterói-RJ*. (Dissertação de Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Marandola Jr, E. (2012). Lugar enquanto circunstancialidade. In: Marandola Jr, E.; Holzer, W.; Oliveira, L. *Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia e fenomenologia*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A.
- Marandola Jr, E. (2021). *Fenomenologia do ser-situado*. Crônicas de um verão tropical urbano. São Paulo: Editora UNESP.
- Marandola Jr, E. (2024). *Ensinar-aprender fenomenologia: trilhas de um pensar e de um fazer pela experiência*. Teresina: Cancioneiro.
- Moreira, T. R.; Pacheco Junior, N. C.; Marandola Jr, E. (2023). Casa como lar: entre descanso e movimento. *Kalagatos*, 20 (2).
- Ngoenha, S. (2018). Filosofia Africana. *Das Independências às Liberdades*. Maputo: Edições Paulina.
- Oliveira, C. D. M. de. (1999) *Um Templo para Cidade-Mãe: a construção mítica de um contexto metropolitano na Geografia do Santuário de Aparecida-SP*. (Tese de Doutorado em Geografia Humana). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Oliveira, L. (2017). *Percepção do meio ambiente e geografia*. Estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Otto, R. (2007). *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional* (W. O. Schlupp, Trad.). São Leopoldo: Sinodal-EST / Petrópolis: Editora Vozes.
- Pacheco Junior, N. C. (2020). *Da capital às tabancas: a lugaridade entre os guineenses e os missionários protestantes em Guiné-Bissau*. (Dissertação de Mestrado em Geografia). Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes.
- Pacheco Junior, N. C. (2024a) Da escuridão à claridade, da claridade à escuridão: velamentos e desvelamentos da experiência religiosa no lugar em Guiné-Bissau. *Geograficidade*, Niterói, v. 14, n. Especial, p. 36-48.
- Pacheco Junior, N. C (2024b). Situacionalidade da experiência religiosa: um pensar heideggeriano. *Cadernos do PET Filosofia*, Teresina, v. 15, n. 29, p. 172–186.
- Relph, E. (1976). *Place and Placelessness*. Londres: Pion Limited.

- Rosendahl, Z. (1994). *Porto das Caixas: Espaço Sagrado da Baixada Fluminense*. (Tese de Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Rosendahl, Z. (2004). *Espaço e Religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ.
- Rosendahl, Z. (2010). Espaço, Cultura e Religião: Dimensões de análise. In: Corrêa, R. L.; Rosendahl, Z. *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Rosendahl, Z. (2018). *Uma procissão na Geografia*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ.
- Sauer, C. (1998). A morfologia da paisagem. In: Corrêa, R. L.; Rosendahl, Z. *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ.
- Seamon, D. (1979). *A Geography of the Lifeworld. Movement, Rest and Encounter*. Londres: Croom Helm Ltd.
- Semedo, M. O. da C. S. (2011). *Guiné-Bissau. História, culturas, sociedade e literatura*. Belo Horizonte: Nandyala.
- Silva, V. F. da. (2010). Introdução à filosofia da mitologia. In: Silva, V. F. da. *Transcendência do Mundo*. Obras completas. São Paulo: Editora É.
- Sopher, D. (1967). *Geography of religions*. Englewood Cliffs: Prentice Hall.
- Souza, J. A. X. de. (2017). *Espaços de peregrinação: ver e sentir o sagrado na Romaria de Nosso Senhor do Bonfim – TO*. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Tuan, Y-F. (1976). Humanistic Geography. *Annals of the Association of American Geographers*, 66, 266-276.
- Tuan, Y-F. (1978). Sacred Space: explorations of an Idea. In: BUTZER, K.W. *Dimensions of Human Geography*. Essays on some familiar and neglected themes. Chicago: The University of Chicago.
- Tuan, Y-F. (2012). *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (L. de Oliveira, Trad.). Londrina: Eduel.
- Tuan, Y-F. (2013). *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência* (L de Oliveira, Trad.). Londrina: Eduel.
- Vaz, C. (1994). Os irãs de Bassarel. *Tcholona. Revista de Letras, Artes e Cultura*, 2, 16-19.